

Desenhando sons: uma experiência vivida no estágio curricular

supervisionado

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Fabiana da Luz Barbosa
Universidade Estadual de Maringá
fabianaluzbarbosa224@gmail.com

Aline Clissiane Ferreira da Silva
Universidade Estadual de Maringá
alineclissianesilva@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto de estágio “Desenhando Sons”, elaborado com o objetivo de criar uma prática de escrita, leitura e interpretação da escrita musical alternativa para crianças do 2º ano da rede de ensino pública. Assim, foram elaboradas atividades para abordar os parâmetros do som juntamente a sua notação analógica. Para concluir esse relato, aponto uma comparação entre os resultados obtidos durante a minha prática docente em relação à minha inserção musical.

Palavras-chave: Notação musical; Educação musical escolar; Estágio curricular supervisionado.

Introdução

Esse relato de experiência surge a partir da reflexão da minha vivência musical e como minha trajetória influenciou para minha atuação docente. Um dos meus primeiros contatos com a música foi como lirista em uma Fanfarras Municipal, onde pude aprender e tocar melodias sem o uso de partituras, participando de apresentações e concursos de fanfarras. Todas as músicas ensaiadas eram conhecidas pelos integrantes da fanfarras, e para aqueles que tocavam o instrumento melódico a notação musical era registrada em um papel apenas com o

nome das notas tocadas, era o único instrumento que poderia ser levado para estudar em casa e as músicas deveriam ser decoradas.

Tendo um teclado disponível em casa passei a procurar por vídeoaulas disponibilizadas no Youtube e assim tive meus primeiros contatos com a partitura com notação convencional. Por meio dessas aulas expositivas eu fui apresentada ao registro de notas musicais no pentagrama. Posteriormente iniciei aulas particulares de piano e com os encontros semanais pude aprimorar minha leitura e técnica. O piano é considerado o principal instrumento em minha formação como musicista e com o qual realizei a prova de habilidades específicas para ingressar no curso de Música no Ensino Superior.

Durante a graduação conheci o bandolim e passei a atuar como bandolinista na Orquestra Latino-Americana (OLA). Nessa experiência tive a oportunidade de estabelecer uma relação com outros conteúdos musicais como a improvisação e a composição, conteúdos que não foram explorados durante meus estudos iniciais. Percebi que habilidades voltadas à percepção musical, tão necessárias para a realização do improviso na prática instrumental em conjunto, estavam fragilizadas. Lembrei do período em que atuava como lirista, instrumento melódico da fanfarra, e que me desenvolvia bem mesmo sem partitura. Refletindo sobre essa trajetória desconfio que a forma como fui apresentada à notação musical acabou por limitar minha expressividade musical.

Atualmente curso a terceira série da graduação em música e estou matriculada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I. Para realizar o estágio escolhi uma turma de 2º ano de uma escola pública da cidade de Maringá, no Paraná. Para elaborar meu projeto de estágio, documento em que delimito o objetivo, os conteúdos e a metodologia que pretendo ensinar nesse período de atuação, me movi pelo interesse em oportunizar para as crianças que foram meus alunos um primeiro contato com o registro musical diferente do meu. Nesse viés, foi decidido como proposta de plano de estágio a introdução à música na rede de ensino pública com as diferentes formas de se ler e escrever música, explorando as possibilidades de registros musicais com uma abordagem diferente de minha trajetória. Nesse sentido, França (2010) questiona: “será que as crianças, uma vez introduzidas na escrita musical ‘oficial’, terão oportunidade de, um dia, libertar-se dela para poder usufruir, tocar e criar obras abertas?” (França, 2010, p. 20).

A minha proposta foi provocar os alunos sobre a necessidade de registrar sons e a partir dessa inquietação mostrar as diferentes formas de notação que podem existir com o objetivo de ampliar as possibilidades de registro. As aulas foram desenvolvidas de forma que as crianças pudessem explorar os sons extraídos de instrumentos percussivos, sejam eles instrumentos tradicionais ou o próprio corpo. Ademais, junto ao conteúdo de notação, foram trabalhados os parâmetros do som, a criação musical, a sonorização de histórias e a paisagem sonora, conteúdo previsto na BNCC para os anos iniciais da educação básica (BRASIL, 2018, p. 205).

Na sequência dessa escrita apresento os educadores musicais que orientaram meu raciocínio na elaboração dos planos de aula. Após isso, descrevo as atividades realizadas em sala de aula e compartilho algumas reflexões que faço a respeito do processo de aprendizagem dos meus alunos em diálogo com meu objetivo de ensino. Por fim trago as referências de obras que tive como base para o desenvolvimento desse relato.

Proposta Metodológica

Para realizar o meu projeto de estágio, me baseei em alguns educadores musicais estudados durante a graduação em Música. Para apresentar as formas de notação musical, será dado ênfase em alguns educadores, como Jos Wuytack, R. Murray Schafer, George Self, John Paynter e Cecilia França.

Em minha atuação docente procurei abordar esses educadores devido aos seus pensamentos de conectarem o som e a notação, de modo a criança criar uma relação com a grafia e o seu sentido, pois não busco a notação musical como uma ação de leitura e

obediência sem sentido. Dessa forma, Salles (1996) apontará como a música e seu significado nesse momento para as crianças é dissociado, que embora escrito, a criança não irá aderir:

A liberdade e a objetividade necessárias para a exploração, a descoberta, e a construção do conhecimento sonoro e musical lhe são negadas em favor da obediência e da ação repetitiva ou exploratória sem sentido. Restam músicas esqueléticas e uma notação revestida de sons sem vida. (Salles, 1996, p. 151).

Assim, o som só terá sentido após ele ser recriado e ela definir o seu significado, e não o contrário (SALLES, 1996, p. 152)

A pedagogia de Wuytack é descrita por Palheiros e Bourscheidt (2012) como uma pedagogia de fazer musical ativo, criativo e comunitário. A ideia principal que abordo de Wuytack está fundamentada na escuta ativa, destinada a indivíduos que não possuem um conhecimento inicial acerca da notação musical. Assim, o sistema utilizado nessa etapa é o musicograma. Esse sistema foi criado com a intenção de apresentar sonoridades específicas de orquestras (Palheiros, 2012, p. 324), entretanto adaptei para outras experiências musicais que estiveram mais presentes na minha proposta pedagógico musical.

Ainda no sentido da escuta ativa, me inspiro também nos fundamentos da pedagogia desenvolvida pelo educador Murray Schafer que orienta a escuta ativa como forma a explorar os sons e adquirir uma consciência da escuta. A partir da relação do som ambiente e o homem, Schafer cria o termo “paisagem sonora”, para ele, “Uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos” (Schafer, 1997, p. 24).

Fonterrada (2008) aponta em seu livro De tramas e fios: Um ensaio sobre a música e a educação, as ideias de alguns educadores musicais, dentre eles está George Self, educador da segunda geração que também se dedica a pensar propostas de notação musical, chamada por Self de Notação Simplificada. Esse sistema “parte do modo pelo qual o som se manifesta: curto, tremolo, de extinção gradual, ou tenuto” (FONTERRADA, 2008, p. 183). Assim, cada um dos termos ganha uma grafia com formas e linhas, acarretando a improvisação e as possibilidades diferentes de interpretá-las.

Nessa mesma obra fui apresentada ao educador John Paynter que também discorre sobre notação musical. Em seu trabalho, o educador desenvolveu uma notação musical contemporânea, com símbolos da escrita convencional, mas conta também com novos elementos em sua grafia, com pontos, figuras, setas e outros componentes. Além disso, Paynter aborda a exploração sonora e expressão individual, a música deve propor uma escuta ativa causando novas formas de experimentá-las (FONTERRADA, 2008, p. 186-187). Assim como Schafer, Paynter não propõe um método a ser rigidamente seguido, mas sim possibilidades que possam inspirar outros professores e adaptá-las conforme o contexto.

Uma discussão mais atual é apresentada pela educadora musical Cecília França que defende o ensino da notação analógica sugerindo o uso de traços e localizações para representar os sons: “sons curtos e longos são representados por traços proporcionais; sons mais graves, embaixo; sons agudos, em cima” (França, 2016, p. 73).

Lancei mão de todas essas ideias apresentadas pelos educadores musicais mencionados com a finalidade de oportunizar para as crianças a maior variedade possível de um registro sonoro que faça sentido para a formação musical deles, que esteja conectado com a prática musical que vivenciaram em sala de aula.

Desta maneira, foram aplicados durante as aulas do estágio algumas das formas de grafias que se antecedem a esse tipo de notação. Assim, foram utilizados formas de registros propostos pelos educadores, como o musicograma de Wuytack e a grafia de Self contendo elementos de Schafer, além de terem experimentado outros tipos de notação, como o uso de imagens para registrar movimentos como palmas e estalos.

A metodologia utilizada não está limitada a um único método, pois consoante Paynter citado por Fonterrada (2008) a área da música deve evitar métodos, alegando ser a oposição de um indivíduo criativo.

Além disso, a prática criativa e composição estará presente no conteúdo abordado. Foi dada ênfase nas experimentações dos alunos com os elementos que foram apresentados a eles, de forma que possam melhor conhecer a música além das notas musicais. Assim, conforme Delalande (2019) cita em uma entrevista:

A princípio, devemos despertar as condutas musicais que existem nas crianças, favorecendo suas atividades espontâneas de escuta e de produção de sons. (Alarcon; Brito, 2019, p. 17)

Atividades propostas

As aulas foram ministradas em uma escola de Ensino Fundamental da rede de ensino da cidade de Maringá, para alunos do 2º ano, uma vez por semana no período do contra turno, por cerca de 1h30 para uma sala com aproximadamente 30 alunos. A escola possui instrumentos disponíveis para aula de música como escaleta, pandeiro, tamborim, clavas, agogô e outros instrumentos percussivos. Entretanto, a escola não possui um espaço específico

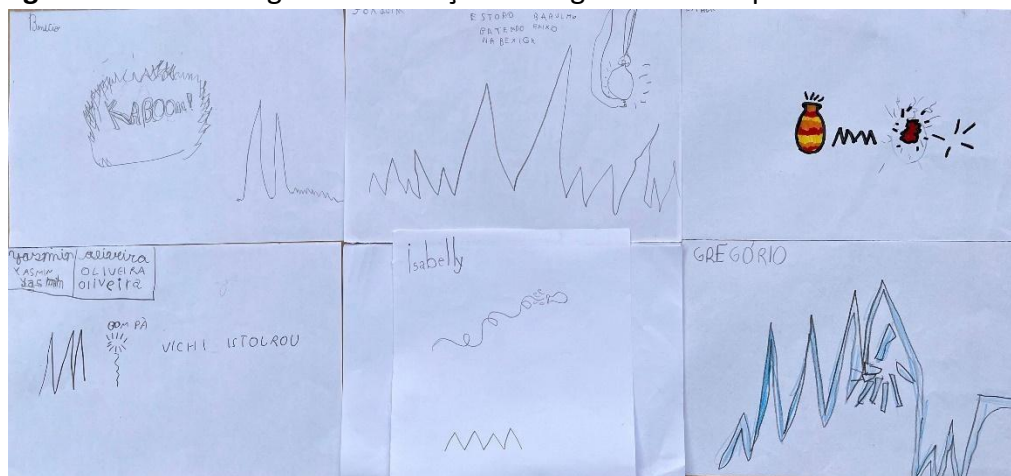
para a aula de música, portanto em minhas aulas as carteiras eram arrastadas para obter um maior espaço livre pela sala.

Antes de iniciar minha prática docente como estagiária do Ensino Fundamental, foi possível observar a turma na qual eu atuaria na próxima semana. Nesse dia pude notar um pouco do comportamento dos alunos, percebendo que eles eram agitados e se movimentavam com frequência pela sala durante a aula. Com isso, tentei alinhar a minha proposta de ensino sobre a escrita analógica, mas de modo a conseguir também aplicar jogos musicais com uma maior movimentação para melhor participação da turma.

Assim, minha primeira atividade que apresentou a anotação analógica foi denominada “Exploração sonora com bexiga e registro dos sons”. Nela, cada aluno ganhou uma bexiga tendo a tarefa de extrair um tipo de som da bexiga, tentando ser diferente do som dos colegas. Nesse momento, os alunos exploraram sons como o esticar da bexiga vazia, esvaziar a bexiga no ar, esvaziar a bexiga com os dedos resultando em um som agudo, bater a bexiga na mão e até mesmo o som da bexiga estourando por enchê-la em excesso.

A segunda etapa da atividade consistiu na grafia do som escolhido. Para isso, os alunos foram instigados acerca do registro, para que refletissem sobre a importância da notação. Junto a isso, apresentei alguns modelos de registros contendo linhas e formas para que se inspirassem e conseguissem criar semelhança entre o seu som com o seu registro. Após os modelos indicados os alunos fizeram suas anotações em papel sulfite, estes foram alguns dos registros:

Figura 1: Primeiro registro da notação analógica realizada pelos estudantes



Fonte: Elaborada pela autora.

Descrição alternativa: a imagem contém seis registros de alunos diferentes, referente a atividade descrita anteriormente. Os registros possuem principalmente linhas em formato de ziguezague, desenhos de bexiga e o registro do estouro escrito como “kaboom”.

Com essa atividade pude observar as primeiras produções das crianças, obtendo minhas primeiras impressões sobre elas. Acredito que para um primeiro contato com o registro de música não tradicional o resultado adquirido foi eficiente e criativo, com grafias que passam pelo sopro da bexiga até o estouro dela ao encher demais. A partir dos resultados dessa primeira atuação elaborei novas propostas que pudessem dar continuidade ao meu projeto de estágio.

A partir dessa atividade demos início aos parâmetros do som, conteúdo que serviu como preparação para as próximas atividades. Dessa forma, cada parâmetro do som recebeu uma forma de registro, para alturas o som agudo é indicado ao canto superior da folha, o som grave é indicado no canto inferior. Para duração, sons longos foram representados com uma linha, enquanto os sons curtos foram indicados por um círculo e o silêncio pela letra X. Já para a intensidade os sons variam conforme o tamanho de sua representação, quanto maior seu desenho maior sua intensidade. Para os, timbres, cores diferentes indicavam timbres diferentes.

Em outro momento foram entregues um mesmo musicograma para três grupos, elaborado a partir do tema do desenho “A Pantera Cor-de-Rosa”, sem que eles soubessem a referência. Cada grupo deveria elaborar uma criação musical a partir do musicograma, dando sentido aos símbolos disponíveis. Ao finalizarem a composição, cada grupo apresentou sua criação a outro grupo para que eles registrassem em notação musical analógica o som que lhes foi apresentado. Para essa atividade defini como objetivo a criação musical a partir do registro analógico, de maneira a explorar notação musical a criatividade dos alunos de um modo prazeroso, na qual o medo do erro se torne inexistente, recebendo de forma positiva todas as perspectivas.

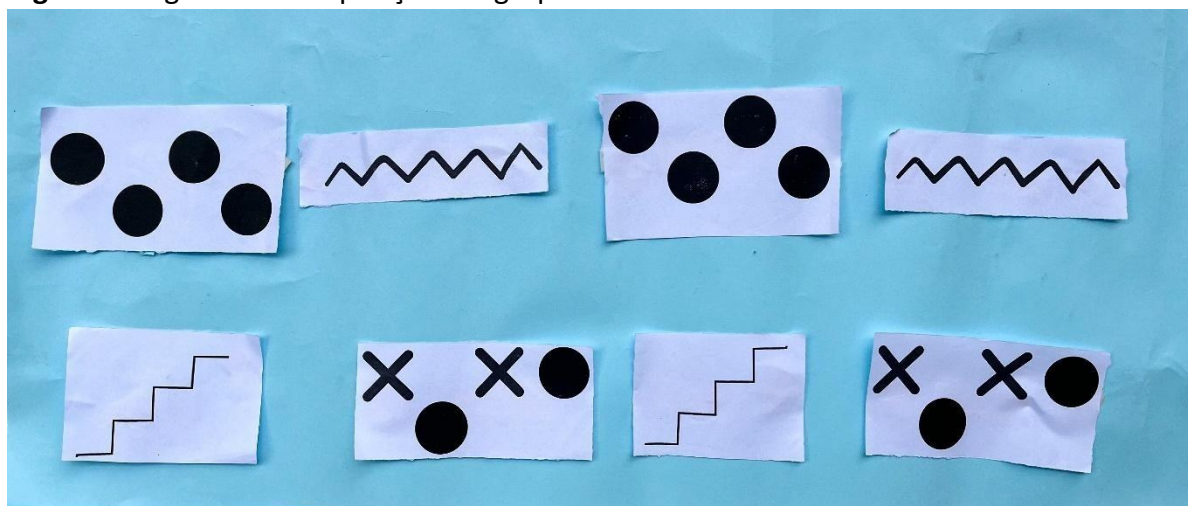
Essa experiência resultou em criações excelentes, os alunos deram sentido sonoro coerente referente ao que foi proposto. A dedicação dos alunos foi grande, chegando a anotarem o som de cada registro para facilitar na hora de apresentar para o restante da turma. Além disso, ao terminarem a composição os alunos deram nome a sua música, outro sinal da

dedicação empregada a essa atividade e o prazer dado em criar uma música. Ademais foi possível notar a influência da relação de suas apresentações com os conteúdos referente aos parâmetros do som abordados anteriormente.

Dando continuidade, diferente da atividade anterior, nessa proposta os símbolos possuem características sonoras estabelecidas. A atividade abrangeu uma criação musical a partir da bula da grafia alternativa com os parâmetros do som com todos os elementos definidos visto em sala. Na primeira etapa da atividade os alunos foram divididos em 4 grupos, cada um ganhou um musicograma que continham os mesmos símbolos mas em organizações diferentes e que a partir deles, deveriam criar uma pequena composição. Em seguida, deveríamos passar por experimentações, de modo a criar uma só música, juntando todos os grupos e finalizando escrevendo um único registro para a composição criada.

Com isso, o registro final foi o seguinte:

Figura 2: Registro da composição em grupo realizada em sala.



Fonte: Elaborada pela autora.

Descrição alternativa: a imagem contém quatro tipos de registro analógico colados em uma cartolina azul. Há um desenho de escada e acima dele um registro com 4 círculos, dois no canto superior e dois no canto inferior, intercalando entre si e começando pelo canto superior. Em seguida, há um registro contendo respectivamente um X, círculo no canto inferior, um X e um círculo no canto superior, acima dele contém um registro em formato de ziguezague.

Para essa atividade minhas expectativas foram mais altas que os resultados, nem todos os alunos participaram ativamente por já terem experimentado situações semelhantes. Porém

os grupos que participaram conseguiram compreender o sentido da criação com uma leitura a notação analógica fluente. Todos os sons dados aos símbolos foram vocais, alguns com frases, mas respeitando a bula definida. Ao final, os grupos decidiram que para a versão definitiva dois grupos iriam cantar ao mesmo tempo e em seguida os outros dois grupos, repetindo o mesmo processo duas vezes.

Conclusões

O trabalho apresentado teve como objetivo relatar sobre a minha experiência como professora de música da Educação Básica com o ensino da notação musical não tradicional, com o intuito de promover uma vivência musical que não se limite apenas a uma escrita, mas que dê espaço para a liberdade de criar, diferente do meu ensino musical inicial.

Com as atividades desenvolvidas relatadas aqui consegui absorver um resultado satisfatório referente ao tempo de dois meses que lecionei para a turma. Assim, vejo que diferente da minha vivência, os alunos não se sentiram presos aos registros apresentados, pois as interpretações dos alunos referente aos musicogramas demonstrou a facilidade que eles tiveram em criar.

Dessa forma, percebo que a escrita analógica serviu como uma ferramenta musical para os alunos, um elemento trabalhado anterior à composição e que foi facilitador para desenvolver a criação.

Retomando o fato de que esse relato se trata de um recorte da minha primeira vivência enquanto professora de música destaco que o mais desafiador nesse processo foi despertar um interesse musical dos alunos para além de jogos e brincadeiras e convencer todos alunos a participarem das aulas e interagirem com o conteúdo. Além disso, conduzir uma sala com tantos alunos foi uma das minhas maiores dificuldades. Durante esse período não consegui exercer todos os conteúdos previstos, pois algumas atividades ultrapassaram o tempo previsto. Todavia esse fato não se enquadra somente como um problema, de modo a mostrar o interesse dos alunos em certa atividade.

Com esses dois meses vivenciados pude refletir sobre minha atuação docente, sobre o meu modo de ensino e as adaptações de conteúdos e estratégias que se fazem necessárias

para conquistar diferentes tipos de estudantes, de modo adequar o conteúdo à personalidade do aluno e assim estimular sua participação e entusiasmo para se desenvolver musicalmente.

Acredito que os desafios limitaram parte do meu modo ensino, o fato de o estágio ocorrer somente uma vez por semana e ter um roteiro com objetivos definidos me impediu de dar atenção para outras situações que ocorrem na sala de aula para além do fazer musical, o que também me impediu de criar um vínculo entre professora e alunos com uma parte da turma.

Entretanto, não posso deixar de destacar o carinho recebido, os abraços e elogios, frases como “essa é minha aula preferida” tornam o ambiente mais acolhedor e menos desesperador, mostrando que embora desafiador, o estágio deixa o seu resquício de afeição e uma prévia da beleza em ser educadora musical.

Referências

ALARCON, Alessandra Cintra; BRITO, Teca Alencar de. François Delalande: a pedagogia do despertar musical. *Literartes*, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 10, p. 12-32, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/brunoromao,+Entrevista++Delalande.pdf> Acesso em: 29 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 1 jul. 2025.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Tramando os fios da educação musical: os métodos ativos. In: FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP. Rio de Janeiro: Funarte, 2008. p. 119-206.

FRANÇA, Cecilia Cavalieri. Sopa de letrinhas: notações analógicas (des)construindo a forma musical. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v.2, n. 2, setembro de 2010. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo1.pdf> Acesso em: 29 jun. 2025.

FRANÇA, Cecilia Cavalieri. Leitura e Escrita Alternativas. In: FRANÇA, Cecilia Cavalieri (Org). *Hoje tem aula de música?* 1. ed. Belo Horizonte: MUS Produção, 2016. p. 72-79.

PALHEIROS, Graça Boal; BOURSCHEIDT, Luís. Jos Wuytack: A pedagogia musical ativa. In: MATEIRO, Teresa. ILARI, Beatriz (Org). *Pedagogias em Educação Musical*. 1. Ed. Curitiba: InterSaberes, 2012. p. 307-341.

SALLES, Pedro Paulo. Gênese da notação musical na criança: os signos gráficos e os parâmetros do som. *Revista Música*, São Paulo: ECA/USP, v. 7, n. 12, p.149-183, 1996. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revistamusica/article/view/59969/63073>> Acesso em: 1 jul. 2025.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução: Marisa Trench Fonterrada. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1997. P. 23-24.